

Martha Machado Campos

É arquiteta urbanista, pesquisadora e professora associada de Arquitetura e Urbanismo da Ufes

/// Projeto do BRT prevê viadutos e túneis em locais preciosos para a paisagem e cultura urbana, além de impactos no cotidiano de bairros tradicionais

Proposta danosa

O escritor moçambicano Mia Couto usa a expressão “interintervenção” para explicar seu modo de intervir nos debates sobre o continente africano. A ideia é intervir de modo inventivo. É possível intervir inventando no urbanismo? O termo “desurbanização” indica processo oposto. Resulta de intervenções que não se aplicam às particularidades socioculturais locais, sem inventividade e com tendência ao desastre urbano. Propostas dessa natureza trazem pontos em comum: são formuladas por imposição, sem interlocução com a população ou com o sítio físico, histórico e paisagem para onde estão previstas.

Cito exemplo do BRT para a capital capixaba. A desurbanização antevista neste projeto reside na reestruturação viária como única solução da mobilidade urbana. A danosa proposta prevê viadutos e túneis em locais preciosos para a paisagem e cultura urbana, além de impactos no cotidiano de bairros tradicionais da cidade. Não se trata de metáfora: é destruição a serviço da exclusiva circulação de veículos motorizados sobre rodas.

A história dos sistemas de transportes indica a necessidade de adaptar infraestruturas às particularidades de cada cidade; aos avanços tecnológicos e à integração a

outros sistemas de transportes. Modelos de circulação configurados como definitivos estão fadados ao insucesso. As redes de transportes nas cidades desde o século XIX tiveram seu desenvolvimento vinculado aos sistemas de transporte coletivo, com destaque para as ferrovias. No século XX, o veículo privado com sua suposta eficiência, marca a hegemonia do automóvel como suporte da mobilidade das cidades. O fim desse século assiste ao seu fracasso voltando a situar o transporte coletivo como o eixo de configuração da cidade do século XXI.

É emergencial avançar em estudos urbanos que explorem tecnologias inventivamente, em que a intermodalidade opere nos deslocamentos a pé, de bicicletas, de ônibus, de barcas e de sistemas sobre trilhos. Tudo isso, considerando situações críticas de mobilidade; análises de desenho e topografia de ruas e praças; áreas de expansão territorial; bem como dinâmicas de uso e ocupação do solo e densidades atuais e prospectivas.

Interinventar o organismo cidade parece ser o desafio que, de modo simples, significa considerar suas potencialidades urbanísticas, associadas aos seus traços singulares, sobretudo àqueles históricos, geográficos e paisagísticos. Isso sim é intervir urbanizando: pensar a cidade não somente como engenho, mas também como organismo. Urbanizar, mais do que nunca, deve ser buscar equilíbrio entre o natural e construído, explorar vantagens naturais das cidades e inventar tecnologias que protejam paisagens, em respeito aos cidadãos e ao ambiente.